

Pomo da discórdia

DURBAN, ÁFRICA DO SUL – Embora o debate em torno do racismo de Israel tenha talhado fossos profundos na Conferência de Durban, o tema das reparações pela escravidão causa ainda mais divisão. Os Estados Unidos e a Europa – ex-escravagistas – não se entendem sobre até onde ceder, enquanto os países africanos e caribenhos fracassam na tentativa de conseguir um consenso sobre o que querem.

No domingo, por exemplo, o ministro das Relações Exteriores alemão, Joschka Fischer, foi até onde nenhum país europeu havia ido ao reconhecer a “culpa” de seu país no tráfico negreiro. Mas nas negociações em Durban, apenas a Itália parece disposta a ir tão longe. Holanda, Espanha e Portugal preferem “lamentar” a escravatura e a França ainda não decidiu que posição adotará. A Inglaterra chegou a uma nova fórmula: condenar a escravidão no presente e a lamentar no passado.

O minucioso debate semântico deixa patente o temor de que, depois de um pedido de desculpas, os descendentes de escravos venham a reclamar nos tribunais gordas indenizações e seus países de origem possam ter algum documento que lhes dê base para exigir reparações. Mas a confusão não é menor entre as ex-colônias.

Alguns países africanos exigem pedidos de desculpas formais e reparações em dinheiro. Outros – como a Nigéria, o mais populoso do continente – preferem um acordo seguro: comprometimento (monetário) das antigas metrópoles com a Nova Iniciativa Africana – plano de desenvolvimento para a África –, sem necessariamente ligar a ajuda à escravidão. Para complicar ainda mais a situação, os países caribenhos e ONGs americanas ainda insistem em indenizações individuais, exigência que nem os Estados Unidos e nem a Europa admitem aceitar.